

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO V

AGOSTO DE 1862

Nº 8

Conferências do Sr. Trousseau, Professor da Faculdade de Medicina

FEITAS NA ASSOCIAÇÃO POLITÉCNICA PARA O ENSINO GRATUITO
DOS OPERÁRIOS EM 18 E 25 DE MAIO DE 1862 (BROCHURA IN-8^o)

Se usaram inutilmente os chifres do diabo para demolir o Espiritismo, eis um reforço que chega aos adversários: é o Sr. Dr. Trousseau, que acaba de dar o golpe de misericórdia nos Espíritos. Infelizmente, se o Sr. Trousseau não acredita nos Espíritos, também não crê no diabo. Mas pouco importa o auxiliar, contanto que bata o inimigo. Sem dúvida esse novo campeão vai dizer a respeito a última palavra da Ciência: pelo menos é o que se espera de um homem tão altamente colocado por seu saber. Atacando idéias novas, não quererá deixar um argumento sem réplica; não desejará ser acusado de falar de coisas que não conhece; sem dúvida vai tomar um a um todos os fenômenos, investigá-los, analisá-los, comentá-los, explicá-los, demoli-los, demonstrando por a mais b que são ilusões. Ah! espíritas! Mantenhamo-nos firmes! Se o Sr. Trousseau não fosse um sábio ou, pelo menos, um semi-sábio, bem que seria capaz de esquecer alguma coisa. Mas um sábio

íntegro não quererá deixar a tarefa pela metade. Em geral hábil, desejará a vitória completa. Escutemos e tremamos!

Depois de uma tirada contra as pessoas que se deixam levar por anúncios, assim se exprime:

“Na verdade, as pessoas capazes de julgar seja o que for não são as mais numerosas. O Sr. de Sartines queria mandar para a prisão um charlatão que vendia suas drogas na Ponte-Nova e fazia belos negócios. Mandou chamá-lo e lhe perguntou: Velhaco, como fazes para atrair tanta gente e ganhar tanto dinheiro? O homem respondeu: Senhor, quantas pessoas pensais que passam diariamente pela Ponte-Nova? – Não sei. – Vou dizer-vos: mais ou menos dez mil. Neste número, quantas pensais que sejam inteligentes? Oh! oh! talvez cem, disse o Sr. de Sartines. – É muito, mas vo-las deixo e fico com as nove mil e novecentas.

“O charlatão era muito modesto e o Sr. de Sartines muito severo para com a população parisiense. Com toda certeza mais de cem pessoas inteligentes atravessam a Ponte-Nova e os mais inteligentes talvez parem diante da banca do negociante de drogas com tanta confiança quanto a multidão. Porque, senhores, direi que as classes elevadas sofrem a influência do charlatanismo.

“Entre as nossas sociedades científicas citarei o Instituto. Citarei a seção da Academia de Ciências que encerra, com certeza, a elite dos cientistas de nosso país. Desses sábios cerca de vinte se dirigem aos charlatães.”

Prova evidente da *grande confiança*³⁸ que têm no saber de seus confrades, pois que a estes preferem os charlatães.

“É verdade que são pessoas de grande mérito. Somente porque são matemáticos, químicos ou naturalistas eminentes, concluem que são muito bons médicos e, por isso, supõem-se

38 N. do T.: Grifos nossos.

perfeitamente capazes de julgar as coisas que ignoram completamente.”

Se isto prova em favor de sua ciência, não prova muito em favor de sua modéstia e de seu julgamento. Lançaram muitos dardos satíricos contra os sábios do Instituto. Não conhecemos nenhum mais mordaz. É provável, pois, que o professor, juntando o exemplo ao preceito, não fale senão do que sabe.

“Conosco por vezes temos essa modéstia: não passando de médicos, quando nos propõem grandes teoremas de matemática ou de mecânica, confessamos nada saber e reconhecemos a nossa incompetência. Mas os verdadeiros sábios jamais declinam de sua competência, sobretudo no que diz respeito à Medicina.”

Já que os médicos declinam de sua competência naquilo que não sabem, temos uma garantia de que o Sr. Trousseau, sobretudo numa lição pública, não tratará de questões ligadas à psicologia, desde que não seja profundamente versado nessas matérias. Sem dúvida esses conhecimentos lhe fornecerão argumentos irresistíveis em apoio de seu julgamento.

“Os curandeiros – é triste dizer – sempre tiveram muito acesso junto às pessoas inteligentes. Tive a suprema honra de ser amigo íntimo do ilustre Béranger.

“Em 1848 padecia ele de uma pequena oftalmia, para a qual o Sr. Retonneau lhe havia aconselhado um colírio. A oftalmia foi curada; mas, como Béranger lia e trabalhava muito e como fosse um pouco darto, a doença recidivou. Então se dirigiu a um sacerdote polonês, que curava as moléstias dos olhos com um remédio secreto. Nessa época eu era presidente, na Faculdade, do júri encarregado do exame dos oficiais de saúde. Como o sacerdote polonês tinha contas a ajustar com a polícia, porque tinha cegado alguns doentes, quis pagá-las. Com esse objetivo foi procurar Béranger e lhe perguntou se, por sua influência, poderia ser reconhecido como oficial de saúde, a fim de estar em condições de tratar os olhos das pessoas e vazá-los à vontade.”

Desde que o Sr. Béranger tinha sido curado pelo Sr. Bretonneau, por que haveria de dirigir-se a um outro? É natural ter mais confiança naquele que nos curou, que tem mais experiência do nosso temperamento do que um estranho.

Com efeito, o diploma é um salvo-conduto que não só permite aos oficiais de saúde lesar gravemente os olhos dos pacientes, mas aos médicos matá-los sem remorso e sem responsabilidade. É sem dúvida por isso que os seus sábios confrades, como confessa o Sr. Trousseau, são tão levados a se dirigirem aos curandeiros e aos charlatães.

“Béranger procurou-me e me disse: ‘Meu amigo, prestai-me um grande favor. Tratai de fazer que habilitem esse pobre diabo. Ele só se ocupa de moléstias dos olhos e, embora os exames para oficiais de saúde compreendam todos os ramos da arte de curar, agi com indulgência e mansuetude. É um refugiado e, depois, ele me curou: eis a melhor razão.’ Eu lhe respondi: Mandai-me o vosso homem. O sacerdote polonês veio à minha casa. Sois recomendado, disse-lhe eu, por um homem a quem devo muitos favores; é o mais caro de meus amigos. Além disso, é Béranger, o que vale ainda mais. Dois de meus colegas, a quem falei, e eu, estamos decididos a fazer o que for possível; apenas os exames são públicos e não custa nada tapar um pouco os ouvidos. E acrescentei: Vamos, serei complacente; tomarei lições de anatomia e não vos será difícil saber tanta anatomia quanto eu. Interrogar-vos-ei sobre o olho.

“Nosso homem pareceu desconcertado. Continuei: Sabeis o que é o olho? – Muito bem. – Sabeis o que é a pálpebra? – Sim. – Tendes idéia do que é a córnea?... Ele hesitou. A pupila? – Ah! senhor, a pupila, conheço bem. – Sabeis o que é o cristalino, o humor vítreo, a retina? – Não, senhor; para que me serviria isto? Só me ocupo de doença de olhos. Digo-lhe: Isto serve para alguma coisa; e vos garanto que seria quase necessário suspeitar a existência de um cristalino, sobretudo se quizerdes, como algumas vezes o fazeis, segundo me parece, operar cataratas. – Eu não opero. – Mas se vos désseis ao capricho de extrair uma... Não havia saída. O

infeliz queria exercer a arte do oculista sem a menor noção da anatomia do olho.”

Realmente é difícil mostrar-se menos exigente para dar a esse infeliz o direito de legalmente vaziar os olhos dos doentes. No entanto, parece que ele não fazia operações – embora a tentação a isso o pudesse arrastar – e que apenas dispunha de um remédio para curar as oftalmias, cuja aplicação, absolutamente empírica, não requer conhecimentos especiais; isto não consiste exatamente em praticar o que se chama a arte do oculista. A nosso ver, era mais importante estarmos seguros de que o remédio nada contivesse de ofensivo; ele tinha a seu favor a presunção da cura do Sr. Béranger e, no interesse da Humanidade, poderia ser útil permitir-lhe o uso. Aquele homem podia ter os conhecimentos anatômicos exigidos e obter seu diploma, sem que isso tornasse bom o remédio, caso fosse mau. Todavia, graças ao diploma, teria podido receitá-lo com toda segurança, por mais perigoso que fosse. Jesus Cristo, que curava os cegos, os surdos, os mudos e os paralíticos, provavelmente não soubesse mais que aquele a respeito de anatomia. E o Sr. Trousseau incontestavelmente lhe teria recusado o direito de fazer milagres. Hoje, quantas multas não teria Jesus a pagar se não pudesse curar sem diploma!

Nada disto tem muito a ver com os Espíritos, mas são as premissas do argumento com que vai esmagar os seus partidários.

“Procurei Béranger e lhe contei a história. Béranger exclamou: Coitado do homem!...”

É provável que também dissesse, falando consigo mesmo: *Entretanto me curou!* – Longe de nós fazermos a apologia dos charlatães e das panacéias; queremos apenas dizer que pode haver remédios eficazes fora das fórmulas da farmacopéia; que os selvagens, que têm segredos infalíveis contra as picadas de serpentes, não conhecem a teoria da circulação do sangue, nem a diferença entre sangue venoso e sangue arterial. Gostaríamos de saber se o Sr. Trousseau, picado por uma cascavel ou por outro réptil peçonhento, recusaria os socorros daqueles, apenas porque não têm diploma.

No próximo artigo falaremos especialmente das diversas categorias de médiuns curadores que, parece, se têm multiplicado ultimamente.

“Eu lhe disse: ‘Meu caro Béranger, sou vosso médico há oito anos. Hoje vou cobrar os meus honorários. – Que honorários? – Far-me-eis uma canção e a dedicareis a mim, mas eu

vou dar o refrão. – Ah! sim!... e o refrão? – *Ah! como as pessoas ladinas são tolas!* – Combinamos que doravante não mais falaríamos do sacerdote polonês. Não é triste ver um homem como Béranger, a quem eu contava tais coisas, não compreender que seu protegido podia fazer muito mal e era absolutamente incapaz de obrar fosse o que fosse de útil pelas mais simples doenças dos olhos?”

Parece que Béranger não estava muito convencido da infalibilidade dos doutores diplomados e podia repetir o refrão: Ah! como as pessoas ladinas são tolas!

“Como vedes, senhores, as pessoas inteligentes são as primeiras que se deixam apanhar. Lembrai-vos do que se passava no fim do século passado. – Um curandeiro alemão emprega a eletricidade, ainda mal conhecida naquela época. Submete algumas mulheres delicadas à ação do fluido; ocorrem pequenos acidentes nervosos, que ele atribui a um fluido emanado de si próprio; estabelece uma teoria bizarra, na época chamada *mesmerismo*. Vem a Paris, instalando-se na Praça Vendôme, no centro da cidade, onde as pessoas mais ricas, pertencentes à aristocracia mais elevada da capital, vêm se postar em torno da cuba de *Mesmer*. Eu não saberia dizer quantas curas foram atribuídas a Mesmer, que, aliás, é o inventor e o importador, entre nós, desta maravilha que se chama sonambulismo, isto é, uma das *mais vergonhosas chagas do empirismo*.

“Que vos direi, com efeito, do sonambulismo? Moçoilas histéricas, geralmente perdidas, em conúbio com qualquer charlatão famélico, simulando o êxtase, a catalepsia, o sono e, com a mais ridícula segurança, exibindo mais inépcias do que se poderia imaginar, inépcias bem pagas, bem aceitas, acreditadas com uma fé mais robusta que os conselhos do clínico mais esclarecido.”

Para que serve a inteligência, se as pessoas inteligentes são as primeiras a se deixarem apanhar? Que é preciso para não se deixar apanhar? Ser sábio? – Não. – Ser membro do Instituto? – Não, já que um bom número deles tem a fraqueza de preferir os charlatães aos seus confrades. É o Sr. Trousseau

quem no-lo diz. – Ser médico? – Também não, pois muitos também se dão ao absurdo do magnetismo. – Que é, então, necessário para ter bom-senso? – Ser o Sr. Trousseau.

Sem dúvida o Sr. Trousseau é livre para externar a sua opinião, para crer ou não no sonambulismo. Mas não será ultrapassar os limites da boa educação tratar todas as sonâmbulas como *moçoilas perdidas, em conúbio com charlatães*? Que nisto, como em tudo, haja abusos, é inevitável, dos quais a própria medicina oficial não está isenta. Sem dúvida há simulacros de sonambulismo, mas, pelo fato de haver falsos devotos, pode-se dizer que não haja verdadeira devoção? O Sr. Trousseau ignora que entre os sonâmbulos profissionais há mulheres casadas e muito respeitáveis; que o número das que não se põem em evidência é muito maior? Que as há nas famílias mais honradas e mais altamente colocadas? Que muitos médicos, devidamente diplomados, de um saber incontestável, são hoje campeões declarados do magnetismo, que empregam com sucesso numa porção de casos rebeldes à medicina tradicional? Não tentaremos fazer o Sr. Trousseau mudar de opinião, provando-lhe a existência do magnetismo e do sonambulismo, pois é provável que perderíamos nosso tempo. Aliás, não é esta a nossa intenção. Diremos, porém, que se a zombaria e o sarcasmo são armas pouco dignas da Ciência, é ainda mais indigno que ela arraste na lama uma ciência hoje espalhada no mundo inteiro, reconhecida e praticada pelos homens mais distintos e atirar sobre os que a professam os insultos mais grosseiros que se possam encontrar no vocabulário da injúria. Só podemos lamentar ouvir expressões de tal trivialidade, feitas para inspirar desgosto, descendo das cátedras do ensino.

Vós vos admirais que inépcias, como vos apraz chamar, sejam acreditadas com uma fé muito mais robusta que os conselhos do clínico mais esclarecido. A razão disto está na inumerável quantidade de erros cometidos pelos clínicos mais esclarecidos, dos quais citaremos dois exemplos.

Uma senhora de nosso conhecimento tinha um filho de quatro a cinco anos, acometido de um tumor no joelho, em conseqüência de uma queda. O mal se tornou tão grave que ela resolveu consultar uma celebridade médica, que opinou pela amputação do membro, julgada urgente e indispensável, para salva a vida da criança. A mãe era sonâmbula. Não podendo decidir quanto à operação, cujo resultado era duvidoso, resolveu tratar ela própria. Ao cabo de um mês a cura era completa. Um ano depois, com o filho já forte e sadio, ela foi ver o médico e lhe disse: “Eis o menino que, em vossa opinião, deveria morrer se não lhe cortassem a perna. – Que quereis? Respondeu ele, a Natureza tem recursos tão imprevistos!”

O outro caso é pessoal. Há cerca de dez anos fiquei quase cego, a ponto de não poder ler nem escrever e não reconhecer uma pessoa a quem desse a mão. Consultei as notabilidades da Ciência, entre outras o Dr. L..., professor de clínica para as moléstias dos olhos. Depois de um exame muito atento e consciencioso, declarou que eu sofria de uma amaurose e que devia resignar-me. Fui ver uma sonâmbula, que me disse que não era amaurose, mas uma apoplexia nos olhos, que poderia degenerar em amaurose se não fosse tratada adequadamente. Declarou responder pela cura. Em quinze dias, disse ela, experimentareis uma discreta melhora; em um mês começareis a ver e, dentro de dois ou três meses, estareis curado. Tudo se passou como ela previra e hoje minha visão está completamente restabelecida.

O. Sr. Trousseau continua:

“Ainda hoje tendes um americano que evoca os Espíritos, fazendo falar Sócrates, Voltaire, Rousseau, Jesus-Cristo e quem se queira! Em que lugares? Nas espeluncas de alguns bêbados?”

A escolha de expressões do professor é realmente notável.

“Não; ele os faz falar nos palácios, no Senado, nos mais aristocráticos salões de Paris. Há pessoas honradas que dizem: ‘Mas eu vi; recebi um tapa de uma mão invisível; a mesa elevou-se até o teto!’ Eles vo-lo dizem e repetem. E durante sete ou oito meses os Espíritos batedores maravilharam os homens, espantaram as mulheres e lhes provocaram ataques nervosos. Esta estupidez tem nome; esta estupidez que o homem mais grosseiro teria vergonha de aceitar foi aceita por gente esclarecida e, pior ainda, pelas classes elevadas da sociedade de Paris.”

O Sr. Trousseau poderia acrescentar: e do mundo inteiro. Ele parece ignorar que essa estupidez sem nome não durou sete ou oito meses, mas dura sempre e se propaga cada vez mais por toda parte; que a evocação dos Espíritos não é privilégio de um americano, mas de milhares de pessoas de ambos os sexos, de todas as idades e de todos os países. Em boa lógica, até o presente a adesão das massas e das pessoas esclarecidas tinha sido considerada como de certo valor. Parece que já não é o caso e que a única opinião sensata é a do Sr. Trousseau e dos que pensam como ele. Quanto aos outros, seja qual for

a sua categoria, a sua posição social, a sua instrução, morem em palácios e tenham assento nas primeiras posições do Estado, estão abaixo do mais grosseiro dos homens, visto que *o homem mais grosseiro teria vergonha de aceitar suas idéias*. Quando uma opinião se encontra tão espalhada quanto a do Espiritismo, quando, em vez de diminuir, progride com uma rapidez que beira o prodígio, quando é aceita pela elite da sociedade, se for falsa e perigosa é necessário opor-lhe um dique, combatê-la com provas contrárias. Ora, parece que o Sr. Trousseau não tem outro argumento a opor senão este:

“Ah! como as pessoas ladinas são tolas!”

Necrologia

MORTE DO BISPO DE BARCELONA

Escrevem-nos da Espanha que o bispo de Barcelona, aquele que mandou queimar trezentos volumes espíritas pela mão do carrasco, em 9 de outubro de 1861³⁹, morreu no dia 9 deste mesmo mês e foi enterrado com a pompa costumeira devida aos chefes da Igreja. Apenas nove meses são decorridos e já esse auto-de-fé produziu os resultados pressentidos por todos, isto é, acelerou a propagação do Espiritismo naquele país. Com efeito, a repercussão daquele ato, inqualificável neste século, chamou para esta doutrina a atenção de uma multidão de pessoas que dela jamais tinham ouvido falar e a imprensa, fosse qual fosse a sua opinião, não poderia ficar muda. O aparato exibido em tal circunstância era capaz de excitar a curiosidade pela atração do fruto proibido e, sobretudo, pela própria importância dada à coisa, porquanto cada um teria raciocinado que não se procede assim com uma ninharia ou com um sonho vão. Muito naturalmente o pensamento retrocedeu alguns séculos e se tenham lembrado de que, outrora, nesse mesmo país, não apenas se queimavam livros, mas seres humanos. Que poderia, pois, conter tais livros para se tornarem dignos das solenidades da fogueira? Foi o que quiseram saber; e na

³⁹ Vide, para detalhes, a *Revista Espírita* dos meses de novembro e dezembro de 1861.

Espanha o resultado foi o mesmo que em toda parte onde o Espiritismo foi atacado; sem os ataques zombeteiros ou sérios de que foi objeto, contaria dez vezes menos partidários do que tem; quanto mais violenta e repetida a crítica, mais ele se pôs em evidência e se desenvolveu; ataques inofensivos teriam passado despercebidos, ao passo que o brilho do raio desperta os mais entorpecidos; querem ver o que se passa, e é tudo quanto pedimos, convictos antecipadamente do resultado do exame. Isto é um fato positivo, pois cada vez que, numa localidade, o anátema desceu sobre ele do alto do púlpito, temos certeza de ver aumentar o número dos nossos assinantes ou estes surgirem se não os houvesse antes. A Espanha não podia escapar a essa conseqüência; assim, não há um espírita que não se tenha regozijado ao tomar conhecimento do auto-de-fé de Barcelona, seguido pouco tempo depois pelo de Alicante; e mais de um adversário deplorou um ato do qual a religião nada tinha a ganhar. Diariamente temos a prova irrecusável da marcha progressiva do Espiritismo nas classes mais esclarecidas daquele país, onde conta zelosos e fervorosos adeptos.

Um dos nossos correspondentes da Espanha, anunciando a morte do bispo de Barcelona, aconselha-nos a evocá-lo. Dispúnhamos a fazê-lo e, em conseqüência, havíamos preparado algumas perguntas, quando ele se manifestou espontaneamente a um dos nossos médiuns, respondendo por antecipação a todas as perguntas que lhe queríamos fazer e antes mesmo que elas fossem verbalizadas. Sua comunicação, de caráter absolutamente imprevisto, continha, entre outras, a seguinte passagem:

..... “Auxiliado por vosso chefe espiritual pude vir ensinar-vos com o meu exemplo e vos dizer: Não repilais nenhuma das idéias anunciadas, porque um dia, um dia que durará e pesará como um século, essas idéias amontoadas clamarão como a voz do Anjo: Caim, que fizestes de teu irmão? Que fizestes de nosso poder, que devia consolar e elevar a Humanidade? O homem que

voluntariamente vive cego e surdo de espírito, como outros o são do corpo, sofrerá, expiará e renascerá para recomeçar o labor intelectual, que a sua preguiça e o seu orgulho o levaram a evitar; e essa voz terrível me disse: Queimaste as idéias e as idéias te queimarão!.....

“Orai por mim. Orai, porque é agradável a Deus a prece que lhe é dirigida pelo perseguido em benefício do perseguidor.

“Aquele que foi bispo e que não passa de um penitente.”

Este contraste entre as palavras do Espírito e as do homem nada tem que deva surpreender. Todos os dias vemos criaturas que, depois da morte, pensam de modo diferente do que pensavam durante a vida, uma vez caída a venda das ilusões, o que é uma prova incontestável de superioridade; somente os Espíritos inferiores e vulgares persistem nos erros e nos preconceitos da vida terrestre. Quando vivo, o bispo de Barcelona via o Espiritismo através de um prisma particular, que lhe desnaturava as cores ou, melhor dizendo, não o conhecia. Agora o vê sob a sua verdadeira luz e lhe sonda as profundezas. Caído o véu, já não é para ele uma simples opinião, uma teoria efêmera, que se pode sufocar nas cinzas: é um fato; é a revelação de uma lei da Natureza, lei irresistível como a força da gravitação, lei que deve, pela força das coisas, ser aceita por todos, como tudo que é natural. Eis o que agora compreende e que o fez dizer que “as idéias que quis queimar o queimarão.” Dito de outra forma, será tragado pelos preconceitos que o tinham levado a condená-las.

Não o podemos censurar, pelo triplo motivo de que o verdadeiro espírito a ninguém condena, não guarda rancor, esquece as ofensas e, a exemplo do Cristo, perdoa aos seus inimigos; em segundo lugar, longe de nos prejudicar, ele nos foi útil; enfim,

porque reclama de nós a prece do *perseguido para o perseguidor*, como a mais agradável a Deus, pensamento todo caridade, digno da humildade cristã, revelada pelas últimas palavras: “Aquele que foi bispo e que não passa de um penitente.” Bela imagem das dignidades terrenas deixadas à beira do túmulo, para se apresentar a Deus tal que se é, sem os aparatos impostos aos homens.

Espíritas, perdoemos-lhe o mal que nos quis fazer, como queríamos que as nossas ofensas nos fossem perdoadas e oremos por ele no aniversário do auto-de-fé de 9 de outubro de 1861.

MORTE DA SRA. HOME

Lemos em o *Nord*, de 15 de julho de 1862:

“O famoso Sr. Dunglas Home passou por Paris nestes dias. Pouca gente o viu. Acaba de perder sua mulher, irmã da condessa de Kouchelew-Bezborodko. Por mais cruel que seja essa perda, disse ele que lhe é menos sensível do que para outro homem, não porque a amasse menos, mas porque a morte não o separa daquela que na Terra usava seu nome. Eles se vêem e conversam com tanta facilidade como quando habitavam juntos o mesmo planeta.

“O Sr. Home é católico romano e sua esposa, antes de exalar o último suspiro, querendo unir-se ao marido numa última comunhão espiritual, abjurou a religião grega diante do bispo de Périgueux. Isto se passou no castelo de Laroche, residência do conde de Kouchelew.”

O folhetim – pois é num folhetim, ao lado do Pré-Catelan, que se encontra esta nota – é assinado *Nemo*, um dos críticos que não pouparam zombarias aos espíritas e às suas pretensões de conversar com os mortos. Senhor, não é engraçado acreditar que aqueles a quem amamos não estão perdidos para sempre e que os reveremos? Não é ridículo, muito tolo e

supersticioso acreditar que estejam ao nosso lado, que nos vejam e nos escutem quando não os vemos e que possam comunicar-se conosco? O Sr. Home e sua esposa *se vêem, conversam* tão facilmente como se estivessem juntos. Que absurdo! E dizer que em pleno século dezenove, o século das luzes, haja pessoas bastante crédulas para acreditarem em semelhantes frivolidades, dignas dos contos de Perrault! Perguntai a razão ao Sr. Trousseau. O nada, falai-me disto! eis o que é lógico! Temos mais liberdade de fazer o que queremos durante a vida. Pelo menos não tememos o futuro. Sim; mas onde está a compensação para o infeliz? – *Nemo!* Singular pseudônimo para a circunstância!

Sociedade Espírita de Constantina⁴⁰

Nota – Falamos da Sociedade que se formou em Constantina, sob o título de *Sociedade Africana de Estudos Espíritos*, sob os auspícios da Sociedade de Paris. Transcrevemos, a seguir, a comunicação por ela obtida quando de sua instalação:

“Embora os trabalhos até hoje feitos por vossa sociedade não sejam imunes à crítica, não nos queremos deter sobre essas considerações. Levamos mais em conta a intenção que os fatos.

“Antes de tudo compreendi a grandeza da tarefa que empreendestes e fazei o possível para a levardes a bom termo. Só assim podereis esperar ser assistidos pelos Espíritos superiores.

“Entremos agora no assunto e vejamos se não cometestes algumas faltas. Para começar, laborais em grande equívoco em vos servirdes de todos os vossos médiuns para as comunicações particulares. Que é a evocação geral senão o apelo aos Espíritos bons para se comunicarem convosco? Pois bem! que fazeis? Em vez de esperar, depois da evocação geral e de deixar aos

40 N. do T.: Cidade da Argélia, então possessão francesa.

Espíritos bons o tempo de se comunicarem por tal ou qual médium, conforme as simpatias que possam existir, passais imediatamente às evocações particulares. Sabei que este não é um bom meio de obter comunicações espontâneas, como estas são recebidas nas outras sociedades. Assim, esperai um momento e recolhei as comunicações gerais, que sempre vos ensinarão algumas verdades. Em seguida podeis passar às evocações particulares; mas, então, para cada uma, não vos sirvais senão de um só médium. Então não sabeis que só os Espíritos realmente superiores estão em condições de se manifestarem por vários médiuns ao mesmo tempo? Fazei com que somente um médium sirva a cada evocação particular e, se tiverdes dúvidas quanto à veracidade das respostas obtidas, procedei a uma nova evocação, num outro dia, empregando outro médium.

“Estais apenas no começo da ciência espírita, e ainda não podeis colher todos os frutos que ela concede aos seus adeptos experimentados. Mas não desanimeis, porque vos serão levados em conta os esforços para vos melhorardes e para propagar a verdade imutável de Deus. Avante, pois, meus amigos; e que o ridículo que encontrareis mais de uma vez no vosso caminho não vos faça desviar da linha de vossas crenças espíritas.”

Jacques

Tendo os espíritas de Constantina nos pedido que solicitássemos a Santo Agostinho se dignasse aceitar o patrocínio espiritual de sua sociedade, este último nos deu a respeito a seguinte comunicação:

(Sociedade de Paris, 27 de junho de 1862 – Médium: Sr. E. Vézy)

Dirigindo-se primeiramente aos membros da Sociedade de Paris, diz ele:

“Bem fizeram os nossos filhos da Nova França ligando-se a vós. Fizeram bem em não se separarem do tronco.

Permaneeci sempre unidos e os Espíritos bons estarão convosco.” Em seguida, dirige-se aos espíritas de Constantina:

“Amigos, sinto-me feliz por me haverdes escolhido para vosso guia espiritual. Ligado à Terra pela grande missão que deve regenerá-la, estou satisfeito por poder encorajar mais especialmente um grupo de pensadores que se ocupam com a grande idéia e por presidir aos seus trabalhos. Ponde, pois, o meu nome à frente dos vossos, e os Espíritos da minha ordem virão afastar os Espíritos maus que sempre rondam à porta das assembléias onde se discutem as leis da moral e do progresso. Que a fraternidade e a concórdia reinem sempre entre vós. Lembrai-vos de que todos os homens são irmãos e que o grande objetivo do Espiritismo é reuni-los um dia no mesmo lar e fazer que se sentem à mesa do Pai comum: Deus.

“Como é bela essa missão! Assim, com que alegria vimos a vós para vos fazer compreender os decretos divinos; para vos revelar as maravilhas do além-túmulo! Mas vós, que já sois iniciados nessas sublimes verdades, espalhai a semente em vosso derredor: bela será a vossa recompensa e gozareis na Terra as suas primícias. Que alegria! Marchai sempre na via do ensino, do amor e da caridade!

“Pronunciai meu nome com confiança nas horas de temor e de dúvida e logo os vossos corações serão aliviados da amargura e do fel que podem conter. Não esqueçais que estarei em todos os pontos da Terra onde ouvirdes falar do apostolado evangélico. Eu vos alojarei a todos na minha alma, para um dia vos depositar numa alma mais vasta e mais forte. Estarei sempre convosco, como estou aqui; minha voz terá a doçura que reconheceis, porque não gosto das entoações berrantes nem dos sons agudos. Ouvir-me-eis repetir incessantemente: Amai-vos, amai-vos! Poupai-me de me armar do açoite com o qual se deve castigar o mau; por vezes isto é necessário, mas jamais procureis vos incluir nesse número! Tempo virá em que a Humanidade

marchará dócil à voz do bom pastor. Sois vós, filhos, que deveis ajudar-nos nessa regeneração e que deveis ouvir soar a primeira hora; porque eis o rebanho que se reúne e o pastor que chega.

Observação – O Espírito alude a uma revelação de grande importância, feita pela primeira vez num grupo espírita de uma pequena cidade da África, nos confins do deserto, por um médium completamente analfabeto. Essa revelação, que nos foi transmitida de imediato, chegou quase simultaneamente de diversos pontos da França e do estrangeiro. Desde então numerosos documentos muito característicos e mais circunstanciados vieram dar-lhe uma espécie de consagração. Em momento oportuno trataremos desse assunto.

“Trabalhai, pois, e tende coragem. Nas vossas assembléias discuti friamente, sem exaltação; pedi a nossa opinião, os nossos conselhos, a fim de não cairdes em erro, em heresia. Sobretudo não formuleis artigos de fé, nem dogmas. Lembrai-vos de que a religião de Deus é a religião do coração; que ela não tem por base senão um princípio: a caridade; por desenvolvimento, o amor à Humanidade.

“Jamais corteis o galho do tronco. A árvore é muito mais verde com todos os seus ramos e estes morrem quando separados do caule que lhes deu origem. Lembrai-vos de que o Cristo julgou necessário que a sua Igreja se assentasse sobre a própria pedra, a fim de ser sólida, assim como ordena não tenha o Espiritismo senão uma raiz, de modo a penetrar com mais força em toda a superfície do solo, por mais árida e ressacada que seja.

“Um Espírito encarnado foi escolhido para vos dirigir, para vos conduzir. Submetei-vos com respeito, não às suas leis, pois ele não ordena, mas aos seus desejos. Por essa submissão provareis aos vossos inimigos que tendes convosco o necessário espírito de disciplina para fazerdes parte da nova cruzada contra o erro e a superstição, o necessário espírito de amor e de obediência para marchardes contra a barbárie. Envolvei-vos, pois, na bandeira da

civilização moderna: o Espiritismo sob um só chefe e derrubareis essas idéias pavorosas de fronte chifrudas e de grandes caudas, que é preciso destruir.

“Não direi o nome desse chefe; vós o conheceis. Está na frente; marcha sem temor às dentadas venenosas das serpentes e dos répteis da inveja e do ciúme que o cercam; ficará de pé, porque unguimos seu corpo, para que seja sempre sólido e robusto. Segui-o, então. Mas, em vossa marcha as tempestades rebentarão sobre as vossas cabeças e alguns de vós não encontrarão refúgio para se abrigarem da tormenta! Que estes se resignem com coragem, como os mártires cristãos e pensem que a grande obra pela qual tiverem sofrido é a vida, é o despertar das nações adormecidas e que por isso serão um dia largamente recompensados no reino do Pai.”

Santo Agostinho

Extraímos a passagem que se segue de uma carta que nos foi enviada recentemente pelo presidente da Sociedade de Constantina:

“Estamos causando preocupação entre os habitantes europeus e mesmo indígenas. Vários grupos se formaram à nossa volta e por toda parte se ocupam do Espiritismo. A criação de nossa Sociedade terá tido como resultado chamar a atenção para esta nova ciência. Contudo, não deixamos de experimentar algum embaraço, mas somos sustentados pelos Espíritos, que nos exortam à paciência e dizem que são provas das quais a Sociedade sairá vitoriosa e, de certo modo, mais fortalecida. Também temos a oposição externa: de um lado o clero e, do outro, a gente das mesquitas, afirmando, aos berros, que nos encontramos sob a inspiração de Satã e que nossas comunicações procedem do inferno. Temos ainda contra nós os boêmios, aqueles que vivem do sensualismo, sem se preocuparem com a sua alma; materialistas ou cépticos que repelem tudo quanto

se refira a essa outra vida, cuja existência não querem admitir. Fecham os olhos e os ouvidos, chamam-nos de charlatães e procuram asfixiar-nos pela zombaria e pelo ridículo. Mas progredimos em meio a todos os espinhos; não nos faltam médiuns e diariamente surgem outros e muito interessantes. Temos comunicações de diversas naturezas e incidentes imprevistos para convencer os mais rebeldes, por exemplo, uma resposta em italiano por uma pessoa que não conhece essa língua; respostas a perguntas sobre a formação do globo, por uma senhora médium que nunca estudou geologia; um outro grupo recebeu comunicações poéticas cheias de encanto, etc.”

Observação – Como se vê, o diabo também é acusado pelos sacerdotes muçulmanos. É de notar que os padres de todos os cultos lhe dão tanto poder que em verdade não se sabe a parte que reservam a Deus, nem como se deve entender a sua onipotência. Se esta é absoluta, o diabo não pode agir sem a sua vontade; se é apenas parcial, Deus não é Deus. Felizmente a gente tem mais fé na sua bondade infinita do que na sua vingança infinita e o diabo ficou muito desacreditado depois que o obrigaram a representar a comédia em todos os teatros, desde a farsa até a ópera. Assim, seu nome quase não produz mais efeito sobre a população do que as imagens horrorosas que os chineses colocavam nas muralhas para servirem de espantalho aos bárbaros europeus. O progresso incessante do Espiritismo prova que esse meio é ineficaz. Será bom procurar outro.

Carta do Sr. Jean Reynaud ao *Journal des Débats*

A carta seguinte foi publicada no *Journal des Débats*, em 6 de julho de 1862.

“Ao Sr. Diretor-Gerente,

Neuilly, 2 de julho de 1862

“Senhor,

“Permiti-me responder a duas acusações, assacadas contra mim no vosso jornal de hoje, pelo Sr. Franck, que me ataca como fomentador do panteísmo e da metempsicose. Não só repilo tais erros com todas as minhas forças; as próprias pessoas que me honraram com a leitura de meu livro *Terra e Céu* puderam ver que as acusações são absolutamente contrárias a todos os sentimentos que estão expressos no livro.

“Quanto ao panteísmo, limito-me a dizer que o princípio da personalidade de Deus é o ponto de partida de todas as minhas idéias e que, sem me inquietar com o que pensam os judeus, concordo com os cristãos, segundo os quais o dogma da Trindade resume toda a teologia sobre o assunto. Assim, à página 226 do livro em questão, enuncio que a criação procede da Trindade inteira; melhor ainda, cito textualmente Santo Agostinho, sob cuja autoridade me coloco, e acrescento: ‘Se, afastando-me da Idade Média, no que respeita à ancianidade do mundo, corresse o mais leve risco de escorregar no abismo dos que confundem Deus e o Universo num caráter comum de eternidade, eu me deteria. Mas posso ter a menor inquietação a respeito?’

“Quanto à segunda acusação, sem também me inquietar se penso ou não como o Sr. Salvador, direi simplesmente que, se se entende por metempsicose, no sentido vulgar, a doutrina que pretende que o homem, após a morte, esteja sujeito a passar pelo corpo de animais, eu repilo tal doutrina, como filha do panteísmo, tanto como o próprio panteísmo. Creio que o nosso destino futuro se fundamenta essencialmente na permanência de nossa personalidade. O sentimento dessa permanência pode eclipsar-se momentaneamente, mas jamais se perde e sua plena

posse é o primeiro caráter da vida bem-aventurada a que todos os homens, no curso mais ou menos prolongado de suas provas, são chamados continuamente. A personalidade do homem decorre, muito naturalmente, da de Deus. Na página 258 do livro em causa está dito: ‘Como não teria Deus criado à sua imagem o que lhe aprouve criar na plenitude de seu amor?’ E ainda sobre este ponto refiro-me a Santo Agostinho, cujas belas palavras cito textualmente: ‘Desde, pois, que fomos criados à imagem do nosso Criador, contemplemos em nós essa imagem e, como o filho pródigo do Evangelho, retornemos a Ele, depois de dEle nos termos afastado pelos nossos pecados.’

“Se o livro *Terra e Céu* se afasta das opiniões aceitas pela Igreja, não é pelas teses substanciais, como quer fazer crer o Sr. Franck, mas apenas, se assim posso falar, por uma questão de tempo. Ali se ensina que a duração da Criação é proporcional à sua extensão, de sorte que a imensidade reina igualmente nos dois sentidos; é ensinado também que a nossa vida atual, em vez de representar a totalidade das provas pelas quais nos capacitamos para participar da plenitude da vida bem-aventurada, é apenas um dos termos da série, mais ou menos longa, de existências análogas. Eis, senhor, o que pôde lograr o Sr. Franck, cuja crítica me pareceu tanto mais temível quanto é conhecida de todos a perfeita lealdade de seu caráter.

“Aceitai, etc.

Jean Reynaud.”

Vê-se que não fomos o único nem o primeiro a proclamar a doutrina da pluralidade das existências, também chamada de reencarnação. A obra *Terra e Céu*, de Jean Reynaud, foi publicada antes de *O Livro dos Espíritos*. Pode-se ver o mesmo princípio, exposto em termos explícitos, no encantador opúsculo do Sr. Louis Jourdan, intitulado: *As Súplicas de Ludovico*, cuja primeira edição é de 1849, da Livraria Nova, Boulevard des Italiens.

É que a idéia da reencarnação não é nova; é tão velha quanto o mundo e é encontrada em muitos autores antigos e modernos. Aos que objetam que ela é contrária aos dogmas da Igreja, respondemos que, de duas uma: ou a reencarnação existe, ou não existe. Não há alternativa. Se existe, é uma lei da Natureza. Ora, se um dogma é contrário a uma lei da Natureza, trata-se de saber quem tem razão: se o dogma ou a lei. Quando a Igreja anatematizou e excomungou como culpados de heresia os que acreditavam no movimento da Terra, não impediu que a Terra girasse e que todo o mundo hoje creia nisto. Sucederá o mesmo com a reencarnação. Não é, pois, uma questão de opinião, mas uma questão de fato. Se o fato existe, tudo quanto poderão dizer ou fazer não impedirá a sua existência e, mais cedo ou mais tarde, os mais recalcitrantes deverão aceitá-lo. Deus não consulta as suas conveniências para regular a ordem das coisas e o futuro não tardará a provar quem tem razão.

Os Pandus e os Kurus

A REENCARNAÇÃO NA ANTIGUIDADE

Um dos nossos assinantes nos escreve de Nantes:

“Lendo um livro que trata de algumas obras em sânscrito, encontrei, numa passagem de um poema chamado *Maha-Barata*, uma exposição da crença daqueles tempos remotos. Grande foi a minha admiração ao encontrar aí a reencarnação, doutrina que, na época, parece ter sido bem compreendida. Eis o fato que levou o Deus *Krishna* a explicar ao chefe dos *Pandus* a teoria dos brâmanes.

“Tendo estourado a guerra civil entre os descendentes de Pandu, legítimos herdeiros do trono e os descendentes de Kuru, que o usurparam, vêm os *Pandus*, à frente de um exército comandado pelo herói Arjuna, atacar os usurpadores. A batalha foi longa e a vitória era ainda incerta; um armistício permitiu aos dois

exércitos retemperar suas forças; de repente soaram as trombetas e os dois contendores puseram-se em marcha para o combate. Cavalos brancos puxam o carro de Arjuna, junto ao qual se mantém Krishna. De repente o herói pára no meio do espaço que separa os dois exércitos e os abarca com o olhar: ‘Irmãos contra irmãos, diz ele; parentes contra parentes, prestes a se estrangularem sobre os cadáveres de seus irmãos!’ É tomado de profunda melancolia e de súbita dor.

“Krishna! exclama ele, eis os nossos parentes armados, de pé, dispostos a se estrangularem. Vê! meus membros tremem, meu rosto empalidece, meu sangue gela; um frio mortal circula-me nas veias e meus cabelos se eriçam de horror. O arco fiel cai-me da mão, incapaz de o sustentar; vacilo; não posso avançar nem recuar e minha alma, embriagada de dor, parece querer abandonar-me. Deus dos cabelos louros, ah!, dize-me, serei feliz quando tiver assassinado todos os meus? Que significarão a vitória, o império, a vida, quando aqueles para os quais o quero obter e conservar tiverem perecido no combate? Ó conquistador celeste, quando o mundo tríplice fosse o preço de sua morte, eu não os quereria degolar por este globo miserável. Não, não o quero, embora eles se preparem para matar-me impiedosamente.

“– Esses cuja morte choras, respondeu o deus, não merecem que os chores; quer vivam, quer morram, o sábio não tem lágrimas para a vida nem para a morte. O tempo em que eu não existia, em que tu não existias, em que esses guerreiros não existiam, jamais existiu e jamais virá a hora que anunciará nossa morte. Introduzidas em nossos corpos, a alma atravessa a juventude, a idade madura, a decrepitude e, passando a um novo corpo, ali recomeça sua jornada. Indestrutível e eterno, um deus desdobra de suas mãos o Universo onde estamos. Quem aniquilará a alma que ele criou? quem, pois, destruirá a obra do Indestrutível? O corpo, envoltório frágil, altera-se, corrompe-se e morre; mas a alma, a alma eterna que não podemos conceber, jamais perece. Ao

combate, Arjuna! Avança os teus corcéis no combate; tu não destróis a alma; a alma não será morta; jamais nasce, jamais morre, ela não conhece presente, passado ou futuro; é antiga, eterna, sempre virgem, sempre jovem, imutável, inalterável. O que significa cair no combate, degolar os inimigos, senão deixar uma vestimenta ou tirar a vestimenta de alguém? Vai! nada temas; atira sem escrúpulo uma roupa usada; vê sem terror os teus inimigos e os teus irmãos deixarem os corpos perecíveis e suas almas revestirem formas novas. A alma é uma coisa que o gládio não penetra, que o fogo não pode consumir, que as águas não deterioram, que o vento sul não resseca. Pára, pois, de gemer.”

Observação – Com efeito, a idéia da reencarnação está muito bem definida nesta passagem, como aliás, todas as crenças espíritas o estavam na Antigüidade. Só faltava um princípio: o da caridade. Ao Cristo estava reservado proclamar esta suprema lei, fonte de todas as felicidades terrestres e celestes.

O Planeta Vênus

(Ditado Espontâneo – Médium: Sr. Costel)

O planeta Vênus é o ponto intermediário entre Mercúrio e Júpiter. Seus habitantes têm a mesma conformação física que a vossa; a maior ou menor beleza e idealidade nas formas é a única diferença entre os seres criados. A sutileza do ar, em Vênus, comparável à das altas montanhas, torna-o impróprio aos vossos pulmões; as doenças aí são ignoradas. Seus habitantes só se alimentam de frutas e de laticínios; desconhecem o bárbaro costume de comerem cadáveres de animais, ferocidade que não existe senão nos planetas inferiores. Em conseqüência, as grosseiras necessidades do corpo são aniquiladas e o amor se adorna de todas as paixões e de todas as perfeições apenas sonhadas na Terra.

Como na aurora, em que as formas se revestem indecisas e envoltas no vapor da manhã, a perfeição da alma, perto de ser completa, tem a ignorância e os desejos da infância feliz. A própria Natureza reveste a graça da felicidade velada; suas formas delicadas e arredondadas não têm a violência e a aspereza dos sítios terrenos; o mar, profundo e calmo, ignora a tempestade; as árvores jamais se curvam sob a ação da tempestade e o inverno não as despoja de sua verdura; nada é ruidoso; tudo sorri, tudo é suave. Os costumes, marcados de quietude e ternura, não necessitam de nenhuma repressão para se manterem puros e fortes.

A forma política reveste a expressão da família; cada tribo ou aglomeração de indivíduos tem seu chefe, eleito por classe de idade. A velhice aí é o apogeu da dignidade humana, porque aproxima do fim desejado. Isenta de doenças e de feiúra, é calma e radiante, como uma bela tarde de outono.

A indústria terrena, aplicada à inquieta procura do bem-estar material, é simplificada e quase desaparece nas regiões superiores, onde não tem a mínima razão de ser. As artes sublimes a substituem e adquirem um desenvolvimento e uma perfeição que os vossos sentidos grosseiros não podem imaginar.

As vestimentas são uniformes; grandes túnicas brancas envolvem o corpo com pregas harmoniosas, sem o desnaturarem. Tudo é fácil a esses seres que só desejam a Deus e que, despojados dos interesses grosseiros, vivem simples e quase luminosos.

Georges

**(Perguntas sobre o ditado precedente. Sociedade de Paris,
27 de junho de 1862 – Médiun: Sr. Costel)**

1. Por vosso médium predileto fizestes uma descrição do planeta Vênus e estamos satisfeitos em constatar que concorda com o que já nos foi dito, embora com menor precisão.

Rogaríamos que vos dignásseis completá-la, respondendo a algumas perguntas. Dizei, inicialmente, como tendes conhecimento desse mundo.

Resp. – Sou errante, mas inspirado por Espíritos superiores. Fui enviado em missão a Vênus.

2. Os habitantes da Terra podem lá encarnar diretamente, ao saírem daqui?

Resp. – Deixando a Terra os seres mais adiantados passam por uma erraticidade mais ou menos prolongada, que os despoja dos laços carnis, imperfeitamente rotos pela morte.

Observação – A questão não era saber se os habitantes da Terra podem lá se encarnar *imediatamente* depois da morte, mas diretamente, isto é, sem passar por mundos intermediários. Ele respondeu que isso é possível aos mais adiantados.

3. O estado de adiantamento dos habitantes de Vênus permite se lembrem de sua passagem em mundos inferiores e estabelecerem uma comparação entre as duas situações?

Resp. – Os homens olham a retaguarda com os olhos do pensamento, que num átimo reconstitui o passado extinto. Assim, o Espírito adiantado vê com a mesma rapidez com que se move, rapidez mais fulminante que a eletricidade, bela descoberta que se liga estreitamente à revelação do Espiritismo. Ambos encerram em si o progresso material e intelectual.

Observação – Para estabelecer uma comparação não é necessário saber a posição pessoal que se ocupa; basta conhecer o estado material e moral dos mundos inferiores pelos quais se passou para lhes notar a diferença. Conforme o que nos dizem do planeta Marte, devemos felicitar-nos por não mais lá estar; e sem sair da Terra, basta considerar os povos bárbaros e ferozes e saber que tivemos de passar por esses estados para nos sentirmos mais felizes. Sobre os outros mundos só dispomos de informações

hipotéticas; mas é possível que nos mais adiantados que o nosso esse conhecimento tenha um grau de certeza que não nos é dado.

4. Aí a duração da vida, proporcionalmente, é mais longa ou mais curta que na Terra?

Resp. – Em Vênus a encarnação é infinitamente mais longa que a prova terrena. Despojada das violências humanas, relaxada e impregnada da vivificante influência que a penetra, a alma experimenta as asas que a transportam a planetas gloriosos como Júpiter e outros semelhantes.

Observação – Conforme já fizemos notar, a duração da vida corporal é proporcional ao adiantamento dos mundos. Em sua bondade, quis Deus abreviar as provas nos mundos inferiores. A esta razão junta-se uma causa física: quanto mais adiantados os mundos, tanto menos são os corpos consumidos pelo fogo das paixões e pelas doenças, que são a sua conseqüência.

5. O caráter sob o qual descreveis os habitantes de Vênus leva-nos a pensar que entre eles não haja guerras, querelas, ódios e inveja.

Resp. – Os homens só se tornam o que as palavras podem exprimir e seu pensamento limitado está privado do infinito. Assim, sempre atribuí, mesmo aos planetas superiores, as vossas paixões e os vossos motivos inferiores, venenos depositados em vossos seres pela grosseria do ponto de partida, dos quais só vos curais lentamente. As divisões, as contendas e as guerras são desconhecidas em Vênus, assim como entre vós desconheceis a antropofagia.

Observação – Com efeito, a Terra nos apresenta, pela inumerável variedade de seus estágios sociais, uma infinidade de tipos, que nos podem dar uma idéia dos mundos nos quais cada um desses tipos é o estado normal.

6. Qual o estado da religião nesse planeta?

Resp. – A religião é a adoração constante e ativa do Ser Supremo; adoração isenta de todo erro, isto é, de qualquer culto idólatra.

7. Os seus habitantes estão todos no mesmo nível ou, como sucede na Terra, uns são mais adiantados que outros? Neste caso, a quais habitantes da Terra correspondem os menos adiantados?

Resp. – A mesma desigualdade proporcional existe entre os habitantes de Vênus, como entre os seres terrestres. Os menos adiantados são as estrelas do mundo terreno, isto é, os vossos gênios e os vossos homens virtuosos.

8. Há senhores e servos?

Resp. – A servidão é o primeiro grau da iniciação. Os escravos da Antigüidade, como os da América moderna, são seres destinados a progredir num meio superior ao em que habitavam na sua última encarnação. Por toda parte os seres inferiores estão subordinados aos superiores; mas em Vênus essa subordinação moral não pode ser comparada à subordinação corporal, tal como existe na Terra. Os superiores não são senhores, mas pais dos inferiores. Em vez de os explorar, auxiliam-lhes o progresso.

9. Vênus chegou gradualmente ao estado em que se encontra? Passou anteriormente pelo estado em que se acha a Terra e mesmo Marte?

Resp. – Reina uma unidade admirável no conjunto da obra divina. Como os indivíduos, como tudo o que é criado, animais e plantas, os planetas progredem inevitavelmente. A vida, nas suas variadas expressões, é uma perpétua ascensão para o Criador, desenvolvendo, numa imensa espiral, os graus de sua eternidade.

10. Tivemos comunicações concordantes sobre Júpiter, Marte e Vênus. Por que sobre a Lua só tivemos coisas contraditórias e que não permitiram fixar uma opinião?

Resp. – Essa lacuna será preenchida e em breve tereis sobre a Lua revelações tão claras e precisas quanto as obtidas sobre os outros planetas. Se ainda não vos foram dadas, mais tarde compreendereis a razão.

Observação – Por certo esta descrição de Vênus não tem nenhum dos caracteres de autenticidade absoluta; assim, só a damos a título hipotético. Todavia, o que já foi dito sobre esse mundo lhe dá, pelo menos, um certo grau de probabilidade e, seja como for, não deixa de ser o quadro de um mundo que necessariamente deve existir para todo homem que não tenha a orgulhosa pretensão de crer que a Terra seja o apogeu da perfeição humana; é um elo na escala dos mundos e um grau acessível aos que não se sentem com forças para ir diretamente a Júpiter.

Carta ao Jornal de Saint-Jean d'Angely

Encontramos a carta seguinte no jornal de Saint-Jean-d'Angely, de 15 de junho de 1862:

“Ao Sr. Pierre de L..., redator substituto do jornal Le Mellois.

“Numa carta dirigida ao *Mellois* de 8 de junho último, lançais um desafio ao que chamais a pequena igreja de Saint-Jean-d'Angely. Ofendido por ter sido repellido pelo Sr. Borreau, que não vos quis receber, voltai-vos contra seu colega em Espiritismo, a fim de o interrogar. Sem ser o médium notável que designais sob uma transparente inicial, tomo a liberdade de vos apresentar algumas observações.

“Qual teria sido o vosso objetivo ao lançar um desafio, primeiro ao Sr. Borreau, depois aos espíritas de Saint-Jean-d'Angely, para que evocassem a alma de Jacques Bujault? Uma brincadeira para pôr fim à guerra civil e intestina que parece querer

ensanguentar os campos férteis do Poitou? Se assim é, penso que deveis compreender que a dignidade das pessoas sérias e conscienciosas, que acreditam firmemente nas teorias estabelecidas sobre os fenômenos, cuja certeza reconheceram, lhes impõe não se associem ao vosso jogo. Como os cépticos, tendes liberdade, certamente, de rir dessas teorias. Como sabeis, senhor, na França riem de tudo. No entanto, por melhor que fosse a vossa brincadeira, ela não é nova e, entre outros, certo cronista do jornal ao qual dirijo a presente, já se havia servido dela em seu começo.

“Se levantastes a questão com seriedade, permiti dizer-vos que não seguistes o caminho adequado para atingir o objetivo. Não seriam os sarcasmos contidos no vosso primeiro artigo que iriam persuadir o Sr. Borreau de vossa sinceridade. Era-lhe perfeitamente lícito duvidar e não vos permitir que discutísseis a evocação do prior que conheceis, como se fora mero esboço espiritual. Do mesmo modo, não são as vossas observações satíricas sobre a completa inutilidade do Espiritismo e sobre as dissidências que dividem os seus adeptos que irão convencer o Sr. C... da boa-fé com a qual reclamais suas luzes. Se, pois, realmente tendes a intenção de resolver esse problema, eis, em minha opinião, o meio mais rápido e mais conveniente: Vinde ao cenáculo e aí, despojado de qualquer idéia preconcebida, fazendo tábua rasa de todas as prevenções anteriores, examinai friamente os fenômenos que se produzirão em vossa presença e os submetei ao critério da certeza. Que, se uma ou duas vezes temeis ser vítima de alucinações, repeti as vossas experiências. Como o Cristo a Tomé, o Espiritismo vos dirá:

*Vide pedes, vide manus,
Noli esse incredulus.*

“E se tais experiências levam sempre ao mesmo resultado, conforme todas as regras da lógica, deveis ter confiança no testemunho dos vossos sentidos, a menos que estejais reduzido ao mais completo cepticismo, no que não posso crer.

“Se, ao contrário, como vaticinei acima, vossos artigos não passavam de um jogo para divertir o conflito local suscitado pelo voto malfadado da Sociedade de Agricultura de Niort, continuei vossas agradáveis brincadeiras, assaltos brilhantes que nós, espectadores desinteressados, muito admiramos. Apenas permitireis aos espíritas que conservem a sua fé. Com efeito, nem sempre a zombaria tem razão; o aforismo: *o ridículo mata* não é de uma exatidão a toda prova, e poderíamos dizer a essa arma tão cruel, sobretudo entre nós, o que foi dito a uma personagem da comédia:

“Todos os que matais passam muito bem.”

“Riram de todas as grandes coisas, trataram-nas como loucura, o que não as impediu se realizassem. Riram da existência de um outro mundo, e a América foi descoberta; riram do vapor e estamos no século das estradas de ferro; riram dos barcos a vapor⁴¹ de Fulton, seu inventor, que agora navegam em nossos mares e rios; riram – inclinai-vos senhor – riram do Cristo e sua sublime loucura, a loucura da cruz, conquistou e subjugou o Universo. Assim, se no momento o Espiritismo está na berlinda, exposto aos epigramas dos discípulos de Voltaire, assume sua posição e segue o seu caminho; o futuro o julgará. Se este sistema está baseado na verdade, nem pilhérias, nem paixões prevalecerão contra ele; se não passa de um erro – erro muito generoso, é bom confessar – em nosso século de materialismo ele irá encontrar no nada as mil e uma aberrações do espírito que, sob nomes diversos e extravagantes, desviaram a Humanidade.

“Recebei, senhor, a expressão de minhas atenciosas saudações.

Um adepto”

41 N. do T.: *Pyroscaphes* no original: primeiro nome dado aos barcos a vapor.

Observação – Não é a primeira vez que um adepto aceita o desafio lançado contra o Espiritismo pelos zombadores, e mais de um, entre estes últimos, puderam convencer-se de que se defrontavam com uma parte mais forte e mais numerosa do que imaginavam. Assim, muitos agora compreendem que é mais prudente calar-se. E, depois, é preciso dizer que as idéias espíritas penetraram até mesmo o campo dos adversários, onde começam a sentir-se ultrapassados e, então, esperam. Hoje o Espiritismo já não é professado em segredo; as pessoas se dizem espíritas abertamente, como se confessam francesas ou inglesas, católicas, judias ou protestantes, partidárias desta ou daquela filosofia. Todo receio pueril foi banido. Que, pois, todos os espíritas tenham a coragem de suas opiniões, que é o meio de calar a boca dos detratores e levá-los à reflexão.

O Espiritismo cresce incessantemente como uma vaga que sobe e circunscribe a ilhota, inicialmente muito grande, mas que alguns dias mais tarde estará reduzida a um ponto. Que farão os negadores quando se virem sobre esse ilhéu, cada dia mais reduzido pelo oceano das idéias novas? Vemos crescer a onda que nos transporta. Eis por que não nos inquietamos. Um dia, porém, os que estiverem na ilhota, apavorados pelo isolamento, estenderão os braços e nos rogarão socorro.

Castigo de um Aparento

François Riquier, homem muito comum, era um velho solteirão aparento, morto em C..., há quatro ou cinco anos, deixando aos colaterais uma fortuna considerável. Tinha sido senhorio de uma de nossas amigas, a Sra. F... Esta senhora o havia esquecido por completo quando sua filha, ultimamente sujeita a crises de catalepsia, seguidas de sono magnético espontâneo, viu, durante o sono, o Sr. Riquier, o qual, diz ela, queria falar com sua mãe. Alguns dias mais tarde, a filha da Sra. F..., aliás bom médium escrevente, tomou do lápis e obteve a comunicação seguinte, ao final da qual Riquier pôs seu nome e endereço completo. Não conhecendo tal endereço, a Sra. F... foi verificá-lo e ficou muito surpreendida ao constatar que a indicação era perfeitamente exata. Eis a comunicação, que é um novo exemplo das penas reservadas aos Espíritos culpados. Como ele se manifestara espontaneamente

e exprimira o desejo de falar à Sra. F., foi-lhe feita esta pergunta: “Que quereis de nós?”

Resp. – O meu dinheiro, que aqueles miseráveis tomaram todo, para repartirem entre si. Venderam minhas fazendas, minhas casas, para dividir tudo. Dilapidaram meus bens, como se não fossem meus. Fazei-me justiça, porque eles não me escutam e não quero presenciar tais infâmias. Dizem que eu era usurário e guardam o meu dinheiro! Por que não mo querem devolver, se acham que foi mal adquirido?

“P. – Mas vós estais morto, homem de Deus! Já não precisais de dinheiro. Pedi a Deus uma nova existência pobre, a fim de expiardes a avareza desta.

Resp. – Não; não poderia viver pobre. Necessito do meu dinheiro para viver. Aliás, não preciso de outra vida, pois estou vivo agora.

“P. (A pergunta seguinte foi feita com o objetivo de o trazer à realidade). – Sofreis?”

Resp. – Oh! sim; sofro piores torturas que a doença mais cruel, porquanto é minha alma que suporta essas torturas. Tenho sempre presente no pensamento a iniquidade de minha vida que, para muitos, foi motivo de escândalo. Bem sei que sou um miserável, indigno de piedade; mas sofro tanto que necessito de ajuda para sair deste estado miserável.

“P. – Oraremos por vós.

Resp. – Obrigado! Rogai para que eu esqueça minhas riquezas terrestres, sem o que jamais poderia arrepender-me. Adeus e obrigado.

François Riquier,
Rue de la Charité, n.º 14”

Observação – Este e muitos outros exemplos análogos provam que o Espírito pode conservar, durante muitos anos, a idéia

de que ainda pertence ao mundo corpóreo. Esta ilusão não é exclusiva dos casos de morte violenta; parece ser a conseqüência da materialidade da vida terrena. A persistência do sentimento de tal materialidade, que não pode ser saciada, é um suplício para o Espírito. Além disso, aí encontramos a prova de que o Espírito é um ser semelhante ao ser corpóreo, embora fluídico, porque, para que ainda se julgue neste mundo, continue ou acredite continuar, poder-se-ia dizer, para consagrar-se aos seus negócios, ser preciso que ele se veja em forma e num corpo como em vida. Se dele não restasse mais que um sopro, um vapor, uma centelha, não poderia enganar-se quanto à sua situação. É assim que o estudo dos Espíritos, mesmo vulgares, vem nos esclarecer quanto ao estado real do mundo invisível e confirmar as mais importantes verdades.

Valor da Prece

A mesma pessoa aludida no fato precedente recebeu um dia a comunicação que se segue, cuja origem a princípio não compreendeu:

“Não me esqueceste e jamais o vosso Espírito teve para mim um sentimento de perdão. É verdade que vos fiz muito mal; mas há muito venho sendo punida por isto. Não parei de sofrer. Vejo que cumpris os vossos deveres com tanta coragem, para prover às necessidades de vossa família... mas a inveja não cessou de me devorar o coração. Vossa... (Aqui paramos para perguntar quem podia ser. O Espírito acrescentou: ‘Não me interrompais; darei meu nome quando terminar.’) ...resignação, que acompanhei, foi um dos meus maiores sofrimentos. Tende um pouco de piedade de mim se, de fato, sois discípula do Cristo. Eu estava muito só na Terra, não obstante entre os meus, e a inveja foi o meu defeito mais grave. Foi por inveja que dominei vosso marido. Parecia que retomáveis o domínio sobre ele quando vos conheci e me interpus entre vós. Perdoai-me e tende coragem para que, por

sua vez, Deus tenha piedade de vós. Minha irmã, que oprimi durante minha vida, é a única que tem orado por mim. Mas são as vossas preces que me faltam. As outras não trazem para mim o selo do perdão. Adeus; perdoai.

Angèle Rouget

Acrescenta aquela senhora: “Então me lembrei perfeitamente da mulher, morta há cerca de vinte e cinco anos, e na qual não pensava desde muitos anos. Pergunto-me como as preces de sua irmã, virtuosa e doce criatura, devotada, piedosa e resignada, não sejam mais frutuozas do que as minhas. Mesmo assim, orei e perdoei.”

Resp. – O próprio Espírito dá a explicação quando diz: “As preces dos outros não trazem para mim o selo do perdão.” Com efeito, aquela senhora, a principal ofendida, tendo sofrido mais pela conduta da outra, saturava sua prece de perdão, o que deveria tocar ainda mais o Espírito culpado. Orando, sua irmã não fazia, por assim dizer, senão cumprir um dever; por outro lado, havia um ato de caridade. A ofendida tinha mais direito e mais mérito para pedir graça; seu perdão, pois, deveria tranquilizar mais o Espírito. Ora, sabe-se que o principal efeito da prece é agir sobre o moral do Espírito, seja para o acalmar, seja para o conduzir ao bem. Trazendo-o ao bem, ela apressa a clemência do Juiz Supremo, que sempre perdoa o pecador arrependido.

A justiça humana, em que pese a sua imperfeição em face da justiça divina, oferece-nos freqüentes exemplos semelhantes. Se um homem for levado ao tribunal, por ofensas a alguém, ninguém o defenderá melhor, nem obterá mais facilmente a sua absolvição do que o próprio ofendido, vindo generosamente retirar a queixa.

Após ter sido lido na Sociedade de Paris, a comunicação acima ensejou a seguinte pergunta, proposta por um de seus membros:

“Os Espíritos solicitam constantemente preces aos mortais. Será que os Espíritos bons não oram pelos sofredores? Nesse caso, por que as preces dos homens são mais eficazes?”

A resposta que se segue foi dada na mesma sessão, por Santo Agostinho, pelo médium E. Vézy:

“Orai sempre, meus filhos. Já vos disse: a prece é um orvalho benfazejo que deve tornar menos árida a terra ressequida. Venho repetir mais uma vez e acrescentar algumas palavras em resposta à pergunta que me dirigistes. Perguntais por que os Espíritos sofredores preferem pedir-vos preces que a nós. As preces dos mortais são mais eficazes que a dos Espíritos bons? – Quem vos disse que nossas preces não tinham a virtude de espalhar consolação e dar força aos Espíritos fracos, que não podem ir a Deus senão com dificuldade e, muitas vezes, sem coragem? Se imploram as vossas preces, é porque elas têm o mérito das emanações terrenas que, subindo voluntariamente a Deus, são sempre por eles aproveitadas, por procederem da vossa caridade e do vosso amor.

“Para vós orar é abnegação; para nós, um dever. O encarnado que ora pelo próximo cumpre a nobre tarefa dos puros Espíritos; sem lhes possuir a coragem e a força, realizam as suas maravilhas. É peculiar à nossa vida consolar o Espírito que sofre e passa por dificuldades; mas uma de vossas preces é o colar que tirais do pescoço para dá-lo ao indigente; é o pão que retirais de vossa mesa para dar a quem tem fome. É por isso que vossas preces são agradáveis a quem as escuta. Um pai não atende sempre à prece do filho pródigo? Não chama todos os servos para matar o vitelo gordo pelo retorno do filho culpado? Como não o faria ainda mais por aquele que, de joelhos, lhe vem dizer: ‘Ó meu pai, sou muito culpado; não vos peço graça, mas perdoai a meu irmão

arrependido, mais fraco e menos culpado do que eu.’ Oh! é então que o pai se entenece, arrancando do peito tudo quanto este possa conter em dons e em amor. E diz: ‘Estavas cheio de iniquidades e te confessaste criminoso; mas, compreendendo a enormidade de tuas faltas, não clamaste graça para ti; aceitas o sofrimento de meu castigo e, apesar de tuas torturas, tua voz tem força bastante para pedir por teu irmão!’ Pois bem! o pai não quer ser menos caridoso que o filho: perdoa a ambos. A um e outro estende as mãos para que possam marchar direito na senda que conduz à sua glória.

“Eis a razão, meus filhos, pela qual os Espíritos sofredores, que vagueiam à vossa volta, imploram as vossas preces. *Devemos orar; podeis orar.* Prece do coração, és a alma das almas, se assim me posso exprimir; quintessência sublime que sobe, sempre casta, bela e radiosa, para a alma mais vasta de Deus.”

Santo Agostinho

Dissertações Espíritas

A CONQUISTA DO FUTURO

(Grupo de Sainte-Gemme – Tarn – Médium: Sr. C...)

A idéia espírita vai crescendo; logo cobrirá o solo francês de norte a sul, do nascente ao poente. Balizas são plantadas a igual distância. Vós sois essas balizas. A vós caberá a honra de traçar aos vossos irmãos a rota a seguir, de acordo com os nossos conselhos. Reuni-vos, pois, não só num pensamento comum, mas também numa ação comum. A fase de observação e experiências já passou: estais na fase de aplicação. Agi, e agi sem temor; jamais olheis para trás; ao contrário, fixai os olhos à frente; contemplai o objetivo e os obstáculos que dele vos separam. Se vos distrairdes a contar os passos, em vez de avançardes rapidamente, faltareis à missão que vos foi confiada. Tomai, pois, o cajado do viajor; cingi

os rins e ponde-vos a caminho! Mas não partais sós; que todo o exército espírita, essa vanguarda da doutrina evangélica, se ponha em marcha ao mesmo tempo. Uni-vos, consultai-vos e voai à conquista do futuro.

Hippolyte Fortoul

O PENTECOSTES

(Grupo de Sainte-Gemme – Tarn – Médium: Sr. C...)

O Espírito de Deus sopra sobre o mundo, a fim de regenerar os seus filhos. Se, como ao tempo dos apóstolos, não se mostra sob a forma de línguas de fogo, não está menos presente entre vós. Orai, pois, com fervor ao Todo-Poderoso, a fim de que ele se digne fazer-vos tirar proveito de todas as vantagens morais, de todos os dons imperecíveis que Ele houve por bem derramar sobre a cabeça dos apóstolos e do Cristo. Pedi e recebereis e nada do que pedirdes de bom e de útil para o vosso progresso espiritual vos será recusado. Orai, pois, uma vez mais, com fervor; mas que seja o vosso coração que fale, não os lábios; ou se vossos lábios se agitarem, que digam apenas o que o coração houver pensado. A felicidade que sentireis quando estiverdes animados pelo Espírito de Deus é tão grande que não podeis fazer uma idéia. Depende de vós obtê-la. E, a partir deste momento, considerai os dias que vos restam para viver como um pedaço de caminho a percorrer para chegardes ao destino e onde encontrareis, no fim do dia, a vossa ceia e o vosso pouso para a noite.

Mas que a pequena importância relativa que deveis ligar às coisas terrenas não vos impeça de considerar os vossos deveres materiais como muito sérios; cometeríeis uma falta gravíssima aos olhos de Deus, se não vos entregásseis conscientemente aos vossos trabalhos cotidianos. Nada se deve desprezar do que saiu das mãos do Criador; deveis desfrutar, em certa medida, dos bens materiais que Ele vos concedeu. Vosso dever é não os guardar exclusivamente para vós, mas fazer que deles participem os irmãos

aos quais eles foram recusados. Uma consciência pura, uma caridade e uma humildade sem limites, eis a melhor das preces para chamar a si o Espírito Santo. É o verdadeiro *Veni Creator*; não que este, cantado nas igrejas, não seja uma prece que será acolhida, sempre que feita de bom coração; mas, como já vos foi dito inúmeras vezes, o fundo é tudo, a forma pouca coisa.

Pedi, então, pelos vossos atos, que o Espírito Santo venha visitar-vos e derramar em vossa alma essa força que dá a fé para superar as misérias da existência terrena e para estender a mão àqueles irmãos vossos a quem a fraqueza do espírito impede ver a luz, sem a qual só podereis marchar às cegas, com risco de vos ferirdes nos obstáculos disseminados no caminho. A verdadeira felicidade, pela qual todos suspirais, lá se acha; cada um a tem sob a mão: basta querer para alcançá-la. Tomai hoje boas e firmes resoluções e o Espírito de Deus – tende certeza – não vos faltará. Amai ao vosso próximo como a vós mesmos pelo amor de Deus e tereis dignamente solenizado o dia em que o Espírito Santo veio visitar os apóstolos do Cristianismo.

Hippolyte Fortoul

O PERDÃO

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sr. A. Didier)

Como se pode achar em si a força para perdoar? A sublimidade do perdão é a morte do Cristo no Gólgota! Ora, já vos disse que o Cristo tinha resumido em sua vida todas as angústias e lutas humanas. Todos os que mereciam o nome de cristãos antes de Jesus-Cristo morreram com o perdão nos lábios: os defensores das liberdades oprimidas, os mártires das verdades e das grandes causas de tal modo compreenderam a elevação e a sublimidade de sua vida que não faliram no último instante e perdoaram. Se o perdão de Augusto não é inteiramente sublime do ponto de vista histórico, o Augusto de Corneille, o grande trágico, é senhor de si como do Universo, porque perdoa. Ah! como são mesquinhos e miseráveis

os que possuíam o mundo e não perdoavam! Como é grande aquele que continha, no futuro dos séculos, todas as humanidades espirituais e perdoava! O perdão é uma inspiração e, muitas vezes, um conselho dos Espíritos. Infelizes os que fecham o coração a essa voz: serão punidos, como diz a Escritura, porquanto tinham ouvidos e não escutavam. Pois bem! se quereis perdoar, se vos sentis fracos perante vós mesmos, contemplai a morte do Cristo. Aquele que se conhece a si próprio triunfa facilmente de si mesmo. Eis por que o grande princípio da sabedoria antiga era, antes de tudo, conhecer-se a si próprio. Antes de se lançar na luta ensinava-se aos atletas, para os jogos e pelepas grandiosas, os meios seguros de vencer. Ao lado disso, nos liceus, Sócrates ensinava que havia um Ser Supremo e, algum tempo depois, séculos antes do Cristo, ensinava a toda a nação grega a morrer e perdoar. O homem vicioso, desprezível e fraco, não perdoa; o homem habituado às lutas pessoais, às reflexões justas e sãs, perdoa facilmente.

Lamennais

A VINGANÇA

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sr. de B... M...)

A vingança é agradável ao coração, disse o poeta. Oh! pobres cegos, que dais livre curso à mais horrenda das paixões, credes fazer mal ao próximo quando o golpeais e não notais que eles se voltam contra vós. Ela não só é um crime, mas absurda falta de habilidade. É, como seus irmãos o rancor, o ódio, o ciúme, filhos do orgulho, o meio de que se servem os Espíritos das trevas para atrair a si aqueles que receiam lhes escapem; é o mais infalível instrumento de perdição posto nas mãos dos homens pelos inimigos que se encarniçam na sua decadência moral. Resisti, filhos da Terra, a esse culposo arrastamento, e ficai certos de que, se alguém mereceu a vossa cólera, não será no paroxismo do rancor que encontrareis a calma de consciência. Ponde nas mãos do Todo-Poderoso o cuidado de se pronunciar sobre os vossos direitos e sobre a justiça de vossa causa. Há na vingança algo de ímpio e de degradante para o Espírito.

Não, a vingança não é compatível com a perfeição. Enquanto uma alma conservar tal sentimento ficará nas regiões mais miseráveis do mundo dos Espíritos. Mas, como os outros, o vosso não será o eterno juguete dessa paixão infeliz; e posso garantir que a abolição da falsa noção do inferno eterno, ou, antes, da danação eterna, que tem servido de pretexto ou de escusa para atos de vingança, será a aurora de uma nova era de tolerância e de mansuetude, que não tardará a estender-se até às regiões privadas da vida moral. Poderia o homem condenar a vingança quando lhe apresentavam Deus como ciumento e se vingando por torturas sem fim? Cessai, pois, ó homens, de insultar a Divindade, emprestando-lhe as vossas mais ignóbeis paixões. Então sereis, ó habitantes da Terra, um povo abençoado por Deus. Vós que me escutais, fazei de modo que, liberta a vossa alma do culposo e vergonhoso móvel dos atos mais contrários à caridade, mereçais ser admitidos no recinto sagrado, no qual só a caridade pode abrir as portas.

Pierre Ange, Espírito protetor

Bibliografia

O ESPIRITISMO EM LYON

Comunicações de além-túmulo. Seleção de manifestações da Sociedade Espírita de Brotteaux, com esta epígrafe: *O Espiritismo não deve impor-se; vem-se a ele, porque dele se necessita.* (Allan Kardec. *Revue*, 1861) – Brochura in-8^o, 32 páginas, acompanhadas de quatro gravuras obtidas mediunicamente. Preço: 75 centavos. Nas principais livrarias de Lyon e, em Paris, no estabelecimento do Sr. Ledoyen.

Esta é a primeira de uma série de brochuras a serem publicadas em épocas indeterminadas. Contêm uma seleção de comunicações obtidas no grupo de Brotteaux, dirigido pelo Sr. Déjoud, chefe de oficina. Todas elas, concordes com a doutrina exposta em *O Livro dos Espíritos*, respiram a mais sã moral e trazem o cunho incontestável de Espíritos bons e benevolentes. O estilo é

simples, familiar e perfeitamente adaptado ao meio onde foram dadas, estando isentas de idéias abstratas. Antes de tudo os Espíritos bons querem instruir. Por isso põem-se à altura do auditório, pouco se preocupando em satisfazer aos que, em suas comunicações, não apreciam senão a pompa do estilo, sem lhes aproveitarem as lições. Para eles o essencial é que a instrução seja boa e penetre o coração. Acreditamos que essa coletânea atinge perfeitamente o seu objetivo. Sentimo-nos felizes de aproveitar a ocasião para felicitar o Sr. Déjoud, chefe desse grupo, um dos mais numerosos de Lyon, por seu zelo e perseverança na propagação do Espiritismo entre seus irmãos trabalhadores.

O terceiro volume das *Revelações de Além-Túmulo*, da Sra. Dozon, aparecerá brevemente.

Allan Kardec

